

## UM HOMEM DO SÉCULO 21: GEORGE IVANOVITCH GURDJIEFF

Passados mais de quarenta anos após a morte de Gurdjieff, o que resta do seu trabalho e das suas idéias? Ainda mais: como atualmente as suas idéias, conceitos e métodos podem ser encarados à luz dos modernos conceitos da psicologia, da medicina e principalmente, dentro do campo da neuropsicologia?

Tais perguntas se tornam difíceis de responder devido ao processo de mistificação e mitificação que progressivamente envolveu a pessoa e obra de Gurdjieff após sua morte.

Devido a essas tentativas, a proposta de tentar analisar a figura de um "mestre" espiritual controverso procurando destacar o seu aspecto "moderno" e mesmo, inovador, sofre o perigo de ver substituído o título de "Um homem do século 21" para "Um santo do século 21...".

Atualmente dispomos de uma ampla bibliografia sobre o conjunto das idéias e práticas de Gurdjieff que, aliada à realização de pelo menos um filme baseado numa obra sua, denominado de "Encontros Com Homens Notáveis", por Peter Brooks, permite com que tenhamos um vislumbre das concepções básicas do "Trabalho" ( ou o conjunto das teorias e práticas preconizadas por Gurdjieff) e que possamos tentar compará-lo com conceitos modernos da psicologia e medicina, principalmente no que se refere ao campo das neurociências (1).

O que afinal das contas, nos diz Gurdjieff? Podemos iniciar essa tentativa de simplificação a partir da sua idéia de que o homem, tal como existe na atualidade, se observarmos os seus comportamentos e reações, não pode ser encarado como um ser consciente, no domínio pleno das suas faculdades mentais, emocionais e mesmo, dos seus movimentos físicos. O ser humano "normal" não pode ser considerado como um "homem desperto", ou seja, plenamente alerta ou "desperto", frente aos estímulos do meio ambiente. Na realidade, segundo Gurdjieff ele está dormindo de olhos abertos.

Além disso, diz Gurdjieff, uma observação mais cuidadosa mostra que além de estar "dormindo", o homem moderno apresenta, no decorrer da sua vida cotidiana, um conjunto de comportamentos e reações que só podem ser consideradas como automáticas ou "condicionadas". Dessa maneira, o ser humano não passaria de uma espécie de "Cão de Pavlov" cujo comportamento poderia ser deliberadamente provocado e controlado de forma externa. Esses condicionamentos, segundo Gurdjieff estaria não só presentes na esfera das atividades físicas do ser humano, mas também a nível da sua emotividade e mesmo, no seu pensamento, pouco restando de possibilidades para uma real expressão de criatividade ou de espontaneidade, que representariam, no caso, fenômenos raros e espúrios.

Embora possa parecer chocante à primeira vista, esse conceito do "homem adormecido" não representa uma idéia gurdjieffiana original, já que podemos identificar conceitos semelhantes dentro do Budismo, com os Filósofos Pré-Socráticos (Heráclito de Éfeso (2)), e na tradição Cristã, no episódio do Monte das Oliveiras, onde Cristo sofre a agonia da antecipação do seu sacrifício, enquanto que os seus discípulos dormiam, apesar de terem sido avisados para manter a vigília. Da mesma maneira podemos identificar o mesmo tema dentro do Sufismo (através de frases e comentários feitos pelo Profeta Maomé e outras fontes).

A proposta de trabalho de Gurdjieff para tentar agir sobre esta situação parte do pressuposto que todas as vezes que o ser humano perdesse o contato com a sua própria identidade ou seja, a sua "sensação de ser", ocorre uma espécie de "transferência" quase que automática e instantânea da qualidade de atenção centrada nessa sensação interna de "ser", para algum estímulo exterior que venha a lhe "chamar a atenção" naquele momento. Assim, com a sua atenção sistematicamente voltada para os estímulos exteriores, o ser humano passa a se "esquecer de si próprio" e "adormecendo" em consequência.

A chave para o "despertar", portanto, estaria no "lembrar-se de si mesmo continuamente" para que a dimensão individual não viesse a se perder naquilo que Gurdjieff chamou de "identificação externa". Cumpre-se notar que a definição atual do termo "externa" não implica nos eventos externos ao organismo do ser humano, mas sim, de quaisquer elementos, sejam do meio exterior (a televisão, o cinema e mesmo as atividades rotineiras do dia a dia) ou interior (pensamentos, imagens, preocupações, ansiedades e principalmente, fantasias) que façam com que a sensação de "ser" seja deslocada do seu lugar correto.

Atualmente sabemos que os seres humanos tem um limiar bastante baixo nas suas capacidades em manter a atenção focalizada frente a estímulos repetitivos e monótonos ou então, frente a estímulos complexos que exigem um esforço no sentido de tentar acompanhar informações provenientes de diferentes fontes ao mesmo tempo. Embora tal tendência provavelmente seja um resíduo de um processo de auto-sobrevivência que herdamos dos nossos antepassados animais, hoje em dia sem muito valor como fator de garantia da auto-preservação. Esse mecanismo de rebaixamento do limiar da atenção nos seres humanos é usado nos processos denominados de "lavagem cerebral" e também nas técnicas modernas de publicidade. Nessa sua incapacidade de manter um nível "ótimo" de atenção, diz Gurdjieff, o organismo após algum tempo não mais é capaz de reconhecer a sua própria identidade e passa a ficar "fascinado" com o desenrolar dos acontecimentos externos a si mesmo, entrando numa espécie de "transe" onde a característica principal é a perda do sentido de "eu". A esse "transe" Gurdjieff denominava de "vida cotidiana" e que Gurdjieff associava com uma diminuição da consciência humana, um processo que ele considerava universal e inevitável para a grande maioria da humanidade com exceção de alguns poucos capazes de realizarem os intensos esforços necessários para virem a se libertar do "horror da situação humana".

A solução gurdjieffiana para esta diminuição da qualidade e intensidade da consciência está no treinamento da função psicológica da atenção nas suas diversas tonalidades. Este treinamento visa uma sensibilização e reforço da capacidade da concentração e manutenção do seu foco em objetos definidos, no caso, na própria sensação de "ser" de maneira contínua. Isto não difere muito das técnicas clássicas preconizadas pela Ioga, Zen-Budismo, Meditação Transcendental, etc.

Tal treinamento da atenção envolve a realização de "exercícios" para o desenvolvimento de tais níveis desejáveis da atenção. Estes exercícios exigem esforços consideráveis para serem realizados, físicos, (com a realização de diferentes tipos de movimentos, posturas, danças complexas e dessincronizadas, que foram planejadas no sentido de exigir o máximo possível da atenção), emocionais (com a realização de "sacrifícios e super-esforços" onde o componente emocional é desnudado e desafiado a mudar as suas



reações emocionais habituais) e intelectuais (como por exemplo, ser capaz de realizar exercícios de contagens e operações matemáticas mentais; ser capaz de trabalhar rapidamente com jogos de palavras e imagens visuais, etc. (1) e ser capaz de colocar a atenção em diferentes tarefas intelectuais ao mesmo tempo com a finalidade de desenvolver rapidez e destreza de raciocínio, ser capaz de encontrar diferentes perspectivas e respostas para o mesmo tipo de problema ou situação proposta, etc.). Estas são apenas algumas técnicas que fazem parte de um conjunto maior, que representa um currículo de atividades propostas de forma individualizada de acordo com as necessidades, qualidades e defeitos de personalidade que o indivíduo participante possa apresentar.

A partir do treinamento da atenção, pode-se chegar à "auto-observação" ou seja uma forma especial da atenção voltada temporariamente, porém prolongadamente, à observação dos comportamentos, reações, processos psicológicos individuais que, quando realizada durante um determinado período de tempo, permite a identificação de conjuntos correlatos de comportamentos e reações que definem a atuação de "eus particulares" que surgem em determinados contextos, como por exemplo, um "eu profissional" em contraposição a um "eu dona de casa".

O objetivo da técnica é a produção de um "eu observador" capaz de observar com absoluta imparcialidade os fenômenos de expressão e reações da personalidade que agora passa a ser percebida como extremamente mutável, inconstante e sensível a estímulos externos. A partir deste "eu" seria possível chegar a uma estrutura de personalidade mais estável, capaz de modificar e corrigir de maneira eficiente determinados padrões de comportamento considerados inaceitáveis. Aqui podemos identificar uma confluência entre a técnica gurdjieffiana e as psicoterapias clássicas, no sentido que ambas procuram conscientizar processos, ou seja, de trazer à tona mecanismos "defeituosos" que não eram reconhecidos pela esfera da consciência.

O objetivo de todo esse processo seria tentar trazer à luz da consciência a "característica principal" do indivíduo, ou seja o padrão mais freqüente de expressão da personalidade do indivíduo que, por ser muito ativo, costuma ser desconsiderado na maioria das vezes simplesmente por ser extremamente óbvio. Gurdjieff costumava expor tais "características principais" ao atribuir aos seus discípulos, apelidos freqüentemente constrangedores, diretamente vinculados às suas características principais de tal maneira que o uso repetido do apelido sempre funcionava como uma espécie de "recordação de si próprio" .

Igualmente, a capacidade de observar e corrigir padrões errados de comportamento permitiria atuar finalmente sobre a segunda deficiência básica do ser humano que, segundo Gurdjieff, é a facilidade com que este se condiciona.

Portanto, no sistema gurdjieffiano, o ser humano poderia ser considerado como um robô adormecido, realizando tarefas mecânicas e preso a rotinas e processos repetitivos. Tal processo seria reforçado e estimulado pelos mecanismos sociais vigentes, na medida em que propiciam uma ferramenta de controle social eficiente e aceita.

Assim o indivíduo é colocado de forma imparcial e muitas vezes, chocante, frente a si mesmo; tem de se observar e aceitar como um mecanismo automatizado mal trabalhado, educado e mal aproveitado. Espera-se que depois de ter "trabalhado em si próprio"



durante algum tempo, ele não mais venha a retornar ao estado de "esquecimento" ou de "sono" onde pode continuar alheio das suas deficiências. Algo se modificou dentro dele de forma indelével. Ele agora percebe uma nova realidade dentro e fora de si e sente a necessidade de atuar dentro dessa nova perspectiva.

Porém aqui surge um grande problema: A ausência de um direcionamento para esta nova situação, da definição de objetivos claros e de uma moral e ética que estejam de acordo com a proposta gurdjieffiana representa o grande entrave de todo o processo: a maioria dos participantes das propostas gurdjieffianas se sente, após algum tempo, como proprietários de um automóvel possante sem ter um destino para onde ir... Esta é a causa da maioria das queixas da aridez e esterilidade que as pessoas costumam atribuir ao processo.

A solução deste problema se encontra na própria fonte do conhecimento gurdjieffiano. Dentro da perspectiva neuropsicológica, encontramos nos escritos de Gurdjieff algumas afirmações bastante surpreendentes: por exemplo, ele considerava o ser humano como um "animal tri-cerebrado" algo que veio a ser confirmado pelos estudos de MacLean que mostram a origem dos grandes sistemas cerebrais no ser humano, quando identificou um componente cerebral que surge na evolução do sistema nervoso a partir dos répteis (sistema ou complexo R), um componente emocional que surge a partir dos mamíferos (Sistema Límbico, que está associado com o registro, geração e gerenciamento de emoções) e um componente intelectual, que surge com maior intensidade a partir dos macacos e golfinhos (a Néo-Córtex, associada com o pensamento e as funções cerebrais mais nobres). Lembremos que Mac Lean escreveu nos anos 70, cerca de 30 anos após a morte de Gurdjieff!

Igualmente, Gurdjieff afirmava que, no seu cérebro tríplice, o ser humano tinha a capacidade de produzir "substâncias" que, na quantidade e variedade corretas, seriam capazes de "despertar e modificar o funcionamento deste cérebro", assim como conduzir o indivíduo a novas experiências da consciência humana. Isto foi escrito numa época onde o conhecimento do cérebro fundamentava-se mais na descrição anatômica das suas estruturas e o estudo do seu funcionamento começava a se delinear no horizonte da moderna pesquisa neurofisiológica.

Atualmente o reconhecimento pela neurofisiologia, da existência de uma infinidade de neurotransmissores e das endorfinas, além de muitas substâncias produzidas pelo cérebro cuja função ainda é desconhecida, veio a comprovar que, mesmo aceitando uma natureza puramente especulativa ou intuitiva de Gurdjieff, este se encontrava situado bem à frente do conhecimento da sua época, podendo mesmo ser chamado de um "Homem do Século 21".

Agora, podemos considerar que os "movimentos" e as "danças sagradas" e demais exercícios de ordem emocional, intelectual propostos, descobertos e desenvolvidos por Gurdjieff podem representar uma forma interessante de se pesquisar e atuar sobre o problema do condicionamento humano excessivo, da falta de capacidade de concentração da atenção, da sub utilização das potencialidades e capacidades dos hemisférios cerebrais, principalmente do Hemisfério Cerebral Direito e finalmente, podem funcionar como uma janela para a pesquisa dos potenciais de desenvolvimento do ser humano.



Esse desenvolvimento, diz Gurdjieff, não acontece ao acaso e sem que seja feita uma razoável parcela de esforços dirigidos e intencionais. Na realidade este desenvolvimento é feito de maneira intencional e artificial que vai contra a "ordem natural" das coisas, ou seja, vai contra a entropia e a extinção biológica.

Essa intenção, não é vista dentro da proposta gurdjieffiana apenas como uma vaga determinação de ordem emocional ou intelectual baseada em informações ou expectativas mal definidas. O indivíduo é levado a considerar as suas reais razões de participação do processo, sendo que qualquer justificativa que possa vir de "fora" (presença ou não de uma figura de autoridade, a existência de um grupo de apoio ou de satisfação social, religiosa ou mística; a perspectiva de participar de "mistérios", apenas para citar algumas das atitudes imaturas que comumente se encontram nos interessados no processo) não é estimulada e sim mostrada às claras, para que o indivíduo possa vir a entrar em contato com as suas reais motivações.

A característica do desenvolvimento proposto pelo "Trabalho" (O nome que tradicionalmente se associa ao conjunto de idéias e práticas introduzidas por Gurdjieff) seria a aquisição de diferentes e crescentes "graus de consciência", identificáveis por comportamentos e características específicas, passíveis de serem reconhecidas externamente. Gurdjieff apresenta uma tipologia de seres humanos baseado nos diferentes tipos de "consciência", classificando-os de homens de número 1 a 7, onde o número 7 representaria o homem perfeito, plenamente consciente, desperto e senhor do seu destino (3). Tais conceitos são encontrados em diversas tradições e linhas religiosas de todos os tempos e civilizações, tal como no misticismo judaico, na forma do "justo" ou no islão, na forma do "homem perfeito".

Para poder atuar sobre os diferentes níveis de consciência, Gurdjieff aplica no ser humano o conceito de "centros" ou seja, diferentes graus de organização e funcionamento da consciência humana, responsáveis pelas funções e características do ser humano. Assim, na forma da consciência mais grosseira que podemos encontrar, adormecida, condicionável e automática, Gurdjieff define o "Centro Motor" e o "Centro Instintivo", o primeiro, responsável pelos comportamentos mecânicos e automáticos, repetitivos e monótonos e o segundo, pela manutenção da "máquina humana", seja pela homeostase, equilíbrio hormonal, tensão muscular, funcionamento do coração e pulmões, manutenção da pressão arterial, etc.. Para níveis mais elevados de consciência, Gurdjieff reconhece a possibilidade de ativação e desenvolvimento de "Centros Superiores", que embora latentes, podem ser trabalhados através do esforço dirigido dentro de uma estrutura que conheça as técnicas e processos para tanto: uma "Escola de Sabedoria". Ao "Centro Emocional Superior" corresponderia a real emoção, ao "Centro Intelectual Superior", o pensamento realmente criativo e original (5).

Da mesma forma, Gurdjieff reconhece a existência de dois componentes psicológicos no ser humano, uma personalidade e uma essência. Enquanto que a personalidade é desenvolvida e se fortalece a partir das respostas automáticas e repetitivas, esta vem a bloquear o desenvolvimento, senão finalmente a destruir, a uma essência individual que não depende de nenhum estímulo exterior condicionante ou repetitivo, que seria a fonte da "sensação de ser". Ela corresponderia aos valores realmente humanos e criativos que, embora potenciais e embrionários deveriam ser nutridos e treinados por uma personalidade que, desconhecendo o seu real papel de educadora e protetora da essência, tudo faz para dominá-la, deformá-la e se necessário, destruí-la. A essência



corresponderia a tudo aquilo que possuímos de inato, ao talento que transparece aos valores da personalidade, à tendência própria do indivíduo que devido a circunstâncias fortuitas, poderá ou não vir a ser aproveitada ou desenvolvida pela personalidade. (Os exemplos que podem ser citados aqui seriam o de Leonardo da Vinci, Mozart, entre raros outros).

Da luta entre a personalidade e a essência é que poderá surgir um indivíduo disposto a participar de um processo de auto-conhecimento a partir de um mecanismo semelhante ao proposto por C.G. Jung como "metanóia" ou resultar num indivíduo frustrado, insatisfeito, neurotizado, mesmo quando ele é considerado um "vitorioso" ou um "vencedor" na luta pela vida, posição social e bens de consumo.

Para finalizar esta apresentação extremamente superficial e imitada das idéias e conceitos gurdjefianos, torna-se necessário localizar o "Trabalho" de Gurdjieff após a sua morte.

No momento atual, o "Trabalho" está sofrendo um processo de divulgação e análises amplos, sendo que algumas pesquisas parecem indicar que a fonte original das suas idéias parece estar localizada segundo alguns autores, no Sufismo (misticismo islâmico) (6) a partir deste se continuando até os dias de hoje (7). Outros autores, tentam localizar a fonte das suas idéias com os movimentos Gnósticos Cristã (8) ou então ligados ao Cristianismo Ortodoxo (9).

Existem várias organizações que procuram promover o acesso e a divulgação das idéias e métodos gurdjefianos segundo propostas e intenções as mais diferentes e antagônicas possíveis: o processo inicial de imposição de segredo das técnicas introduzidas por Gurdjieff desencadeado pelos discípulos remanescentes do mestre, aliado ao mecanismo de mitificação da figura deste, permitiu o surgimento das mais diferentes e espantosas apresentações e interpretações pessoais do que seria o "real Gurdjieff", de grupos comunitários agrícolas até formas de expressão artística, literária e arquitetônica. Num segundo momento, a tentativa de equacionar a proposta gurdjefiana às idiossincrasias pessoais gerou formas bastante questionáveis de "Trabalho Cristão", "Trabalho Zen", "Sufismo Gurdjefiano", "Esoterismo Cristão Primitivo", que faz lembrar as cismas e dissensões de grupos religiosos.

De outro lado, o estudo sistemático e a aplicação das idéias gurdjefianas dentro do campo da psicologia, principalmente da Psicologia Transpessoal não somente veio a conferir nova força às idéias de Gurdjieff como também vieram a permitir um estudo mais isento e integrado destas, ajudando de certo modo a ir contra o processo de mistificação atualmente em curso (10,11).

Não nos cabe aqui estabelecer uma crítica a essas propostas, mas sim mostrar que elas existem justamente pelo fato de que Gurdjieff veio a apresentar e a introduzir conhecimentos e práticas que são extremamente fascinantes e revigorantes, o que de certo modo justifica as tentativas de adaptação e interpretação das suas idéias a contextos diversos.

Para o buscador, permanece a máxima Sufi: "O buscador geralmente encontra o mestre que merece..."



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) Speeth, K. R.; Friedlander, I. "Gurdjieff, Seeker of the Truth", Harper Colophon Books, 1980 , p.7 - New York.
- (2) Os Pré- Socráticos - "Coleção Os Pensadores", Editora Abril, p.86, 1978 - São Paulo
- (3) Wilson, Collin, "The War Against The Sleep" , The Aquarian Press, 1980, England.
- (4) Shushud,H.; "Masters of Wisdom of Central Asia", Coombe Spring Press, 1983 , England
- (5) Bennett, J. G.; "Gurdjieff, Making a New World", Turnstone Books, 1973, England
- (6) Shah, Idries; "The Sufis" , Doubleday, 1972 , England.
- (7) Lefort, R. "The Teachers of Gurdjieff" , Octagon Press, 1980, England.
- (8) Webb, J.; "The Harmonious Circle" , Thames & Hudson, 1980, USA
- (9) Mouravieff, Boris, "Gnôsis", Editions de La Baconnière, Neuchâtel, Suisse, 1969
- (10) Tart, Charles, T., "Waking Up", New Science Library, SHAMBHALLA, Boston, 1986.
- (11) Tart, Charles, T., "Transpersonal Psychologies", J.T.P. Books, Stanford, California, 1992

Abril 1992

Elaborado por Nokhooja